

## A LITERATURA GRÁFICA COMO RESISTÊNCIA: GÊNERO, SEXUALIDADE E DISSIDÊNCIA EM “DESGENERADO” E “PERIGOSAS SAPATAS”

Yasmin Lyra Sousa<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho analisa como as graphic novels Desgenerado, de Chloé Cruchaudet, e Perigosas Sapatas, de Alison Bechdel, funcionam como dispositivos estético-políticos de resistência às normatividades de gênero e sexualidade. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamenta-se nos conceitos de performatividade e abjeção de Judith Butler, destacando como essas narrativas gráficas desafiam os binarismos e promovem visibilidade a corpos e afetos dissidentes. Através da análise textual e visual das obras, evidencia-se como ambas tensionam as normas cis heteronormativas e constroem espaços de crítica, denúncia e reinvenção das identidades LGBTQIA+. No contexto brasileiro, onde dados apontam altos índices de violência contra pessoas trans e jovens LGBTQIA+, tais produções tornam-se ainda mais significativas ao oferecerem novas gramáticas do possível e contribuírem para o debate sobre arte, política e subjetividade. Este estudo propõe valorizar os quadrinhos enquanto linguagem legítima e potente, capaz de mobilizar afetos, saberes e lutas por reconhecimento, especialmente em tempos de recrudescimento conservador.

### INTRODUÇÃO

A literatura em quadrinhos tem, nas últimas décadas, se consolidado como um importante objeto de estudo nas Ciências Humanas, ultrapassando a ideia de ser apenas entretenimento ou produção voltada ao público infantil e juvenil. Especialmente quando aborda subjetividades dissidentes, essa linguagem tem se mostrado um campo fértil para a reflexão crítica e a elaboração de narrativas que rompem com os padrões normativos da sociedade. Obras como Desgenerado (2020), de Chloé Cruchaudet, e Perigosas Sapatas (2021), de Alison Bechdel, são exemplos emblemáticos de como os quadrinhos podem representar experiências LGBTQIA+ com profundidade, sensibilidade e potência política.

Tais obras não apenas narram vivências dissidentes, mas também convocam o/a leitor/a a repensar os marcadores sociais da diferença, as estruturas de poder e as violências simbólicas e materiais às quais corpos não normativos são submetidos. Historicamente marginalizados tanto no mercado editorial quanto nos espaços acadêmicos, os quadrinhos estão sendo progressivamente reivindicados como linguagem legítima e potente para expressar subjetividades complexas, tensionar normatividades e construir espaços de resistência. Este trabalho nasce do meu interesse pessoal e acadêmico por essas intersecções entre arte, política

---

<sup>1</sup> Graduanda em licenciatura Plena em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Piauí - UESPI , [lyrayasmin46@gmail.com](mailto:lyrayasmin46@gmail.com) ;

e identidade. Como pesquisadora e leitora comprometida com os estudos de gênero e sexualidade, encontro nos quadrinhos um canal expressivo que me toca não apenas intelectualmente, mas também emocionalmente. É nesse cruzamento entre vivência, teoria e estética que reside a força deste estudo.

No contexto brasileiro, essa discussão ganha ainda mais urgência diante dos alarmantes dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), que apontam a juventude LGBTQIA+ como um dos grupos mais vulneráveis à violência, com destaque para as pessoas trans, que enfrentam níveis extremos de exclusão, transfobia e assassinatos. Em meio a esse cenário, torna-se fundamental refletir sobre o papel da arte como ferramenta de denúncia, visibilidade e afirmação de vidas dissidentes.

A partir dos conceitos de performatividade e abjeção propostos por Judith Butler (1993), esta pesquisa analisa como os quadrinhos problematizam os corpos considerados “fora da norma”, ou seja, corpos abjetos que não se encaixam nas expectativas cis heteronormativas. As autoras aqui analisadas mobilizam estratégias narrativas e estéticas que subvertem os binarismos tradicionais de gênero e sexualidade, promovendo uma crítica à naturalização da cisgeneridade e da heterossexualidade como normas universais.

Este estudo, portanto, não apenas analisa produções gráficas como fontes de conhecimento e resistência, mas também reivindica o valor político da linguagem dos quadrinhos, compreendendo-a como espaço legítimo de produção de saberes, afetos e identidades. Ao tratar da representação de corpos dissidentes e da desconstrução das normatividades sexuais e de gênero, a proposta é contribuir com os debates contemporâneos sobre arte, política e subjetividade, reforçando a importância de visibilizar experiências historicamente silenciadas.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A presente pesquisa se inscreve no campo das abordagens qualitativas, de natureza bibliográfica e interpretativa, voltada para a análise de narrativas gráficas em quadrinhos que tematizam questões de gênero, sexualidade e dissidência. A escolha metodológica parte do entendimento de que os sentidos atribuídos às representações sociais de corpos e identidades são construídos culturalmente e, por isso, exigem uma análise atenta tanto ao conteúdo textual quanto aos elementos visuais e simbólicos que compõem as obras. Nesse sentido, foram selecionadas para análise as graphic novels *Desgenerado*, de Chloé Cruchaudet, e *Perigosas Sapatas*, de Alison Bechdel, por se constituírem como produções artísticas que tensionam as normas cis heteronormativas, explorando experiências queer com forte carga política e estética.



A análise foi conduzida à luz dos aportes teóricos de Judith Butler, especialmente a partir das obras *Problemas de Gênero* (2003) e *Corpos que Importam* (1993), nas quais a autora propõe a performatividade de gênero como um processo social reiterativo, por meio do qual as normas de gênero são tanto reproduzidas quanto desafiadas.

A perspectiva butleriana permite compreender os corpos representados nas obras analisadas como espaços de disputa simbólica, cuja dissidência revela a instabilidade dos próprios regimes normativos. Além disso, foram mobilizados estudos culturais sobre quadrinhos e narrativas gráficas, com destaque para os trabalhos de Scott McCloud (*Desvendando os Quadrinhos*, 1993) e Charles Hatfield (*Alternative Comics*, 2005), que oferecem instrumentos para a leitura crítica da linguagem sequencial e da construção de sentidos visuais. A metodologia também incluiu a análise de fontes jornalísticas contemporâneas, como reportagens publicadas pelos veículos *Brasil de Fato*, *Agência Pública* e *G1*, que registram o aumento da violência direcionada a jovens LGBTQIA+ no Brasil nos últimos cinco anos. Essas fontes possibilitam articular os contextos representacionais das obras com a realidade social brasileira, ampliando o alcance crítico da análise.

O foco da investigação recai sobre os trechos em que os personagens tensionam os binarismos de gênero, questionam os modelos de feminilidade e masculinidade hegemônicos e manifestam a potência política da dissidência sexual e de gênero, tanto na esfera simbólica quanto na materialidade do corpo e da linguagem. Dessa forma, a pesquisa busca contribuir para o debate acadêmico sobre a representação de identidades dissidentes nas artes visuais e sua capacidade de mobilização crítica frente aos discursos normativos que estruturam a sociedade.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As personagens centrais das obras *Desgenerado*, de Chloé Cruchaudet, e *Perigosas Sapatas*, de Alison Bechdel, desafiam e desestabilizam os limites normativos da identidade de gênero e da sexualidade. Em ambas, os corpos dissidentes não apenas transgridem normas, mas escancaram a construção social e política das categorias que organizam os sujeitos nas sociedades contemporâneas. A análise dessas obras, à luz das teorias de gênero e performatividade, permite compreender como a arte gráfica atua como um espaço de resistência, denúncia e reinvenção do viver.

Em *Desgenerado*, acompanhamos Paul Grappe, um homem que, para escapar da repressão da Primeira Guerra Mundial e da perseguição estatal, assume a identidade feminina

de Suzanne. Mais do que um gesto de fuga, essa travessia revela a instabilidade dos marcadores de gênero. A forma como Paul habita o corpo de Suzanne mostra que a identidade não é um dado essencial, mas um processo contínuo de negociação com o olhar social. A obra propõe uma leitura visual potente da performatividade de gênero, conceito cunhado por Judith Butler (2003), ao mostrar como os atos repetidos e estilizados produzem aquilo que se entende por "masculino" e "feminino". A figura de Paul/Suzanne não se encaixa em categorias binárias: ora é percebido como mulher, ora como homem, mas em nenhum momento é inteiramente aceito ou protegido. A graphic novel utiliza enquadramentos, planos e cores para ressaltar essa tensão. As roupas femininas, os gestos suavizados e o novo nome são vistos como uma armadura que protege Paul, mas que também o aprisiona.

O corpo se torna o palco da violência simbólica e material de um sistema de gênero que pune desvios. A oscilação entre o prazer da liberdade performática e o peso da exclusão social revela a precariedade da vida dissidente. Como pontua Butler (2003), a vida que escapa às normas hegemônicas é frequentemente uma vida considerada indigna de luto, de visibilidade e de dignidade.

Em *Perigosas Sapatas*, por outro lado, Alison Bechdel apresenta um cotidiano protagonizado por mulheres lésbicas nos Estados Unidos dos anos 1980, período marcado pela crise da AIDS e pelo moralismo do governo Reagan. A tira semanal, publicada inicialmente no jornal alternativo *Women's Express*, articula humor e crítica política ao expor as relações afetivas, os dilemas do ativismo e a luta por reconhecimento em uma sociedade dominada por normas heterossexuais e patriarciais. Bechdel constrói personagens complexas, como Mo, Lois, Ginger e Sparrow, que performam diferentes modos de ser lésbica, recusando a ideia de uma identidade única ou homogênea.

A obra desafia o imaginário estigmatizante que cerca a homossexualidade feminina, frequentemente hipersexualizada ou invisibilizada na mídia hegemônica. Ao colocar essas personagens em espaços domésticos, cafés, centros comunitários e marchas políticas, a autora reinventa o espaço público e privado, propondo uma "estética queer do cotidiano". O traço visual, com ênfase na expressividade dos rostos e nos detalhes das interações, contribui para criar uma narrativa em que o afeto, o humor e o ativismo caminham juntos. Como afirma Louro (2000), as identidades de gênero e sexualidade são narrativas em disputa, e a arte pode operar como um instrumento de subversão e reescrita dessas histórias. Ambas as obras se articulam com o conceito de performatividade de gênero, entendida por Butler (2003) como um processo repetitivo que produz os efeitos de naturalidade nas identidades. O que está em jogo, portanto, não é a representação de "ser homem" ou "ser mulher", mas os atos pelos quais esses gêneros

se consolidam como se fossem naturais. Tanto Paul quanto as personagens de Bechdel reiteram e desconstroem esses atos, produzindo novas possibilidades de existência.

No contexto brasileiro contemporâneo, a análise dessas obras ganha ainda mais relevância. Dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2024) apontam que 89% dos assassinatos de pessoas trans em 2023 foram contra jovens com menos de 30 anos, revelando a vulnerabilidade extrema da juventude trans. Paralelamente, uma investigação da Agência Pública (2024) mostrou que 42% dos jovens LGBTQIA+ já sofreram violência física no ambiente escolar. Esses dados não apenas ilustram a persistência da LGBTQIA+fobia, mas também denunciam o fracasso das políticas públicas em garantir segurança e dignidade para essas populações.

É nesse cenário que obras como Desgenerado e Perigosas Sapatas se tornam ainda mais significativas. Elas não apenas denunciam a violência simbólica e material que recai sobre corpos dissidentes, mas também oferecem novas gramáticas do possível. Ao visualizarem corpos e afetos historicamente apagados, essas artes gráficas reencenam o mundo, convidando o leitor à empatia, à reflexão e à ação. Elas funcionam como dispositivos de visibilidade, denúncia e resistência. Assim, Desgenerado e Perigosas Sapatas vacilam as fronteiras do gênero, do desejo e da normatividade, escancarando os mecanismos de exclusão e revelando que outras formas de vida não apenas são possíveis, mas urgentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As obras Desgenerado, de Chloé Cruchaudet, e Perigosas Sapatas, revelam com potência como os quadrinhos podem operar como ferramentas de resistência, crítica e subjetivação política. Ambas desestabilizam normas hegemônicas de gênero e sexualidade ao tensionarem o olhar dominante sobre os corpos, os afetos e as existências LGBTQIA+. Trata-se de narrativas gráficas que, mais do que entreter, convocam à reflexão, ao deslocamento de certezas e à emergência de novas possibilidades de viver o dissenso. Ao longo deste estudo, foi possível observar como essas obras constroem dispositivos estético-políticos que articulam histórias pessoais e coletivas com os contextos históricos de repressão e silenciamento. Nesse sentido, elas se tornam expressões de uma desobediência ética e estética, enraizadas em lutas por reconhecimento, justiça e liberdade. São, portanto, formas de se insurgir contra um sistema normativo que insiste em tornar a diferença invisível ou perigosa.

Uma das principais contribuições deste estudo é destacar a importância de legitimar e valorizar as narrativas LGBTQIA+ como parte do patrimônio cultural e político da sociedade brasileira. Em um momento histórico marcado pelo recrudescimento dos discursos de ódio, pela censura a produções artísticas dissidentes e pelo avanço de pautas conservadoras, especialmente no campo educacional, torna-se urgente abrir espaço para esses enunciados de resistência. Juventudes dissidentes, longe de serem apenas alvos de políticas públicas ou vítimas da violência, devem ser reconhecidas como produtoras de linguagem, cultura e subjetividade. Do ponto de vista pessoal, esta pesquisa também se constituiu como um percurso de reconhecimento e afetação.

Ao entrar em contato com obras que tematizam a dor, o desejo e a potência de corpos dissidentes, comprehendi que estudar gênero e sexualidade não é apenas um exercício analítico ou acadêmico, mas uma escolha política e ética, que implica o envolvimento com as lutas daqueles que historicamente foram relegados às margens. Falar das margens é, neste caso, falar também do centro e da urgência de repensá-lo. A última parte deste trabalho, considerada também uma das mais significativas, visa não apenas sistematizar os principais achados da análise, mas abrir caminhos para a continuidade do debate. Acredita-se que o entrelaçamento entre arte, educação e política pode — e deve — ser explorado por novas pesquisas que assumam um compromisso com a transformação social.

Nesse sentido, propõe-se que futuras investigações se debrucem sobre os impactos desses quadrinhos em práticas pedagógicas, políticas culturais e espaços de formação crítica. Também se aponta a importância de ampliar o escopo empírico da pesquisa, incorporando, por exemplo, escutas de leitores e leitoras LGBTQIA+, rodas de leitura em escolas ou centros culturais, além da análise de recepção dessas obras em diferentes contextos sociais.

Tais abordagens não apenas enriqueceriam o campo dos estudos de gênero e sexualidade, como também contribuiriam para uma maior articulação entre a universidade e os movimentos sociais. Por fim, reafirma-se que a arte — e, em especial, os quadrinhos — pode ser território fértil para a imaginação política. *Desgenerado* e *Perigosas Sapatas* nos mostram que há muitas formas de existir e resistir, e que as narrativas queer, longe de serem marginais, são centrais para repensarmos o mundo em que vivemos. Que esta pesquisa seja, então, apenas um entre tantos outros gestos de escuta, criação e insurgência

## REFERÊNCIAS

**AGÊNCIA PÚBLICA.** 42% dos jovens LGBTQIA+ já sofreram violência na escola, aponta levantamento. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://apublica.org>. Acesso em: 11 jun. 2025.

**ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais.** *Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2023*. São Paulo: ANTRA, 2024.

**BECHDEL, Alison.** *Perigosas Sapatas*. São Paulo: Todavia, 2021.

**BUTLER, Judith.** *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

**BUTLER, Judith.** *Corpos que importam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

**CRUCHAUDET, Chloé.** *Desgenerado*. São Paulo: Nemo, 2020.

**G1.** Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo pelo 14º ano seguido, diz relatório. G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 11 jun. 2025.

**HATFIELD, Charles.** *Alternative Comics: An Emerging Literature*. Mississippi: University Press, 2005.

**LOURO, Guacira Lopes.** *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

**MALCHER, Monique.** *Sem linhas retas: gênero e sexualidade nos quadrinhos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2024.

**McCLOUD, Scott.** *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 1993.

**PÚBLICA – Agência de Jornalismo Investigativo.** Escolas brasileiras ainda são locais de violência para LGBTQIA+. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://apublica.org>. Acesso em: 11 jun. 2025.